



## DIALOGAR É SABER OUVIR, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A COMUNIDADE INDÍGENA NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS - MS

Eixo Horizontal: EH6: VIOLÊNCIAS, PRECONCEITO E SEGREGAÇÃO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Claudionor Firmiano da Silva Filho; Cátia Paranhos Martins;

**INTRODUÇÃO:** A diversidade linguística encontrada no Brasil é, muitas vezes, desconsiderada, o que se caracteriza como uma forma de exclusão para os falantes de outras línguas que não seja o português. No Brasil, há o registro de 274 línguas, sendo estas originárias e que sofrem o esquecimento quando o povo que a utiliza é obrigado a aprender uma nova língua, esquecendo da sua língua materna (Brasil, 2010). Porém, os inúmeros povos indígenas que segue resistindo a várias formas de violência e exclusão, permanecem firmes, falando suas línguas e buscando a manutenção e reconhecimento de suas culturas. Quando essa população adentra ambientes como o hospital geral, é posto o desafio da comunicação, que muitas vezes gera desconforto entre a diáde paciente/profissional, prejudicando, em sua maioria, o paciente e seus familiares. **OBJETIVO:** Refletir e pensar estratégias que auxiliem o diálogo entre usuários indígenas e profissionais de saúde no desenvolvimento de uma comunicação efetiva e acolhedora quando estes não são falantes da mesma língua. **MÉTODO:** Este é um relato de experiência da atuação no Programa de Residência Multiprofissional, com ênfase em Saúde Indígena do Hospital Universitário da Grande Dourados-MS (HU/UGD). **DISCUSSÃO:** Sendo a comunicação uma das principais ferramentas do trabalho em saúde, aqui em especial da psicologia, na realização do seu fazer e no acolhimento das pessoas que se encontram em situação de internação, a pluralidade linguística muitas vezes aparece como um empecilho no desenvolvimento de ações de cuidado e de produção de saúde que respeitem a singularidade do sujeito. **RESULTADOS:** Os resultados preliminares indicam que no trabalho junto aos Kaiowá, Guarani e Terena da região da Grande Dourados, a comunicação não verbal é uma estratégia para facilitar a aproximação e o entendimento do mundo, dos sentimentos do outro e como este vivência a hospitalização. A utilização de outros usuários ou acompanhantes como intérpretes também auxilia nessa vinculação e desenvolvimento de confiança, o que reflete diretamente na continuidade e qualidade dos cuidados oferecidos ao paciente indígena. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A dificuldade de interação e comunicação efetiva entre paciente indígena e profissional de saúde pode trazer diversos prejuízos na produção do cuidado, na experiência vivida pelo sujeito durante a internação, assim como também na adesão ao tratamento. Pois se há falha na comunicação, pode haver a falta de entendimento sobre diversos fatores, como a importância do tratamento, a transmissão de diagnósticos e a necessidade de realização de procedimentos, o que, por sua vez, pode gerar inúmeros desconfortos, aumentando os estímulos estressores, geradores de ansiedade e sofrimento às pessoas. Dessa forma, é necessário pensar ações e estratégias que facilitem o diálogo, pois refletem no bem-estar físico e psíquico do paciente, assim como nos cuidados durante a internação.